

POÉTICAS DO

DESAPARECIMENTO: O SUJEITO À ESPREITA EM DOIS POEMAS DE SEBASTIÃO UCHOA LEITE E MARCOS SISCAR

Paula Glenadel

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

*Qui sait si ce bipède déformé qui n'a que quatre
pieds de hauteur, qu'on appelle encore, dans le
voisinage du pôle, un homme, et qui ne tarderait
pas à perdre ce nom, en se déformant un peu
davantage, n'est pas l'image d'une espèce qui
passe?*

Diderot

Ao ler as palavras acima (do texto de Denis Diderot, *Le rêve de d'Alembert*, escrito em 1769), é difícil não lembrar de Michel Foucault, filósofo praticante de uma escrita que poderíamos, aliás, descrever como “clássica”. Lembramo-nos que, na parte final de *Les mots et les choses*, o filósofo se interroga sobre a possibilidade, em nossa época de linguagem espessada, de desaparecimento do homem, que tinha se constituído quando a linguagem estava em dispersão: “Ne faudrait-il pas plutôt renoncer à penser l’homme, ou, pour être plus rigoureux, penser au plus près cette disparition de l’homme – et le sol de possibilité des sciences de l’homme – dans sa corrélation avec notre souci du langage?” (Foucault, 1966: 397).

O último parágrafo do livro de Foucault merece ser citado na íntegra, para que se possa observar sua retórica: deslizamento da *hipótese* de mudança nas disposições discursivas do nosso pensamento à aposta sobre o correlativo apagamento do homem, seguido de deslizamento desta aposta ao gesto poético de apagamento com que se termina o livro, na impermanência expressa na imagem do rosto de areia, em suas últimas palavras que, para mim, permaneceram sempre ecoando após o final da leitura:

Si ces dispositions venaient à disparaître comme elles sont
apparus, si par quelque événement dont nous pouvons tout
au plus pressentir la possibilité, mais dont nous ne connais-
sons pour l’instant encore ni la forme ni la promesse, elles

>>

basculaient, comme le fit au tournant du XVIIIe. siècle le sol de la pensée classique — alors on peut bien parier que l'homme s'effacerait, comme à la limite de la mer un visage de sable. (*Idem*: 398)

54>55

Ambas as destituições, paradoxalmente, são apresentadas como liberadoras em relação a uma vida estagnada. Mas se Foucault sublinha a linguagem, capaz de desalojar uma forma de seu lugar na ordem do saber, para Diderot, mais especificamente, a ênfase está na aniquilação de uma espécie no seio da natureza. Seria fecundo estender o que se diz aqui do "homem" ao chamado "sujeito", foco de tantos questionamentos no pensamento recente sobre arte e sociedade?¹

Penso que isso seja interessante, na medida em que da definição tradicional de *homem* vem fazendo parte algo que o identifica como *sujeito*, sujeito da natureza em função da semelhança divina na visão clássica, sujeito da ciência ou do conhecimento na visão da modernidade. Animal político, animal racional, cujo *habitat* é o *Logos*, o homem constitui estruturas de linguagem, de discurso, de simbolização, que a linguística, a pragmática, a psicanálise vêm trabalhando corajosamente, ao ponto de esgarçarem suas próprias bases, onde a repetição da marca vai ritmando o retorno de uma presença a si: um sujeito.

O *sujeito*, assim, dito na economia dessa enigmática palavra que propõe uma oscilação permanente entre a submissão (o assujeitamento a uma lei, divina ou terrena, que o legitima e o constitui ao obedecê-la) e a soberania (não há sujeito sem a perspectiva de "liberdade" de ação ou pensamento), é indissociável de uma reflexão sobre o poder humano, sobre as fronteiras do humano, sobre o direito e a justiça². Na contemporaneidade, está na ordem do dia repensar o homem como sujeito de uma história antropomórfico-tecno-teleológica da razão. É esse o sentido da abordagem de Jacques Derrida, que aponta, na sua reflexão sobre a democracia e a crise da racionalidade mundial vivida como iminência de perda da razão, a aporia de um mundo regido por uma lógica auto-imunitária, "cette

étrange logique illogique par laquelle un vivant peut spontanément détruire, de façon autonome, cela même qui, en lui, se destine à le protéger contre l'autre, à l'immuniser contre l'intrusion agressive de l'autre." (Derrida, 2003: 173).

Nesta demarcação do terreno da minha leitura, vê-se, de Diderot a Derrida, passando por Foucault, a problematização de uma estrutura humana, subjetiva. O sujeito é enfocado sob o ângulo de uma morte ou um desaparecimento anunciado. Mas o que é tantas vezes anunciado sem aparentemente nunca ter chegado de fato, sem que se possa propriamente afirmar que aconteceu, isso seria um acontecimento de que ordem?

>>

O acontecimento, aqui, é o anúncio de um acontecimento. Porém, segundo o gesto de Nietzsche, podemos interpretar esse acontecimento de diferentes modos. Pode-se ler esse anúncio como desejo de metamorfose dentro de um materialismo criativo que abole o privilégio antropomórfico da alma imortal comandando uma ressurreição do "corpo glorioso", a presença do corpo próprio a conservar mesmo após a morte. É possível também ver nele um imperativo ético de que outra espécie de sujeito até então recalcado possa vir à luz. E por fim, ponto de que tratarei especificamente, o anúncio do "fim do homem" é uma estratégia discursiva a guiar um ocultamento, uma poética do desaparecimento de um certo sujeito.

As propostas de interpretação acima apontadas, embora distintas, não deixam de convergir na direção de um abalo das estruturas rigidificadas do direito, em prol de um interstício ainda sem definição prévia, a subjetividade outra de que o poema será o local de teste. O poema instala um sujeito à espreita da justiça por vir, num processo *auto-imunitário*, no qual o que ameaça pode vir a ser o que salva, se por "salvar" entendermos não conservar intacto, porém alterar as condições atuais, *saudar* (cf. Derrida, 2003) uma modificação, refazer a história e repontuar a trajetória futura do dito "sujeito".

Ao pensar um nexo de leitura que pudesse contemplar os poemas de Sebastião Uchoa Leite e de Marcos Siscar a partir de

um referencial filosófico, vi-me envolvida com palavras como "justiça" e "ética", cujo *pathos* pode incomodar, e também a mim quase me incomodam, por seu contraste com um tempo de rapidez, de dissipação pelas imagens e de desgaste das idéias e experiências. Digamos que elas têm e não têm a ver com as antigas palavras "justiça" e "ética": elas se ligam a uma tradição de democracia no Ocidente porém também questionam o percurso dessa mesma democracia. É preciso não esquecer que essas palavras nada querem dizer em absoluto (justamente, trata-se aqui de questionar os "absolutos"), e que as tomo dentro de um quadro conceitual, ou melhor, de um universo de linguagem que é o de Derrida, denso arvoredo através do qual é preciso caminhar sem pressa, para apreender não apenas o sentido do humor presente em Derrida, ou a dimensão do ficcional, do autobiográfico, do poético, em suma, que assinam esse texto repleto das exigências do contemporâneo, como também e principalmente aquilo que nele se *escreve* como filosofia.

Esse preâmbulo, que já vai ficando longo, cede aqui o passo à leitura das estratégias de desaparecimento em dois poemas, escolhidos como via de acesso ao sujeito à espreira.

Os poetas Sebastião Uchoa Leite e Marcos Siscar apresentam uma visão de todo esse processo que permite aproximá-los, na medida em que ambos praticam uma escamotagem do sujeito dentro do poema que é concomitante ao esvaziamento da *persona* social do poeta. Essa escamotagem não corresponde a uma ausência de sujeito, obviamente, mas a um deslocamento do lugar onde se aninha tal sujeito. Temos, aqui, a estratégia de uma espreira: um estar ao lado, ao largo, ou um sujeito entre parênteses, suspenso na sua definição.

A questão da espreira, que busco constituir em instrumento de leitura da poesia de Leite (e também de Siscar), contudo, não é uma porta de entrada inédita. É preciso mencionar João Alexandre Barbosa, que afirma sobre a poesia de Leite:

Neste sentido, é uma poesia radicalmente marginal porque tira do centro da comunicação poética um sujeito da enunciação e, em seu lugar, propõe um enunciado que já surge problematizado pelas relações entre sujeito e objeto líricos. Aquilo, portanto, que aparece como *espreita* em vários textos deste livro é a metamorfose dessas relações e não uma atitude ainda a ser conquistada que estaria, por exemplo, se o título fosse submetido à contração: *à spreita*. (Barbosa, 2000: 25).

Embora eu concorde com o sentido geral do trecho citado, não posso deixar de assinalar a minha diferença de visão, pois creio que a idéia de *espreita* encontra-se indissociavelmente ligada à idéia de emboscada, iminência de um ataque ou de uma agressão, contidos na dimensão de um acontecimento “por vir” ou incalculável. A “contração” *à spreita* parece, assim, capaz de carregar uma dinâmica que o uso substantivo do termo não tem. A expressão *à spreita, como se*, matriz de discursos, e não *a spreita*, essencializada num *como tal*, indica o nível de produtividade do pensamento que a poesia de Leite promove.

Em texto escrito antes da publicação do livro *A spreita* de Leite (2000), o crítico Luiz Costa Lima comentou, acertadamente a meu ver, a sua “poética átona” (a expressão é do próprio poeta), que pratica uma

(...) agressão. Contra o eu, espécie de homólogo interno do mercado liberalmente deificado; o eu e o mercado, espaços em que a liberdade de cada um se cultivaria. Contra pois a linguagem do sublime, a dizer dos sentimentos rarefeitos das almas eleitas, presentes mesmo em alguns dos mais cultuados “marginais”, fascinados com a contemplação do próprio umbigo. (Lima, 1991: 171-172).

Numa chave de leitura atenta ao “lastro político em que o átono se enraíza” (*ibidem*), Costa Lima mostra a fratura, ocorrida na poesia de Leite, do lugar de exaltação da individualidade do poeta, lugar onde se aliam o sublime ao *status* social.

>>

Isso não quer dizer que o poeta recuse o diálogo com uma tradição prestigiosa, canônica, nem tampouco faz da sua palavra uma palavra inculta e "natural". Ao contrário, tudo nele é condensado e meditado. Nelson Ascher afirma que Leite encontrou um caminho singular, "uma terceira via, na qual, em vez de descartar os recursos formais, ele os internalizou de modo sutilmente econômico em seus versos, aliando-os a referências culturais que lhe serviam de atalho para falar do que quisesse, inclusive seu cotidiano, sem se tornar banal." (Ascher, 2003).

De modo semelhante, Celia Pedrosa, comentando outro livro de Leite (*A regra secreta*, 2002), vê nele uma exemplaridade em relação à linguagem do poeta:

Pois nele está encenada a dificuldade de assumir essa tradição [moderna] como regra e repertório exercitados com maestria e ao mesmo tempo redimensionar seus paradoxos, dela tentando extrair ainda a possibilidade de segredos e surpresas que justificaria a continuidade de investimento na escrita e na leitura de poesia. (Pedrosa, 2003).

Pedrosa utiliza, aliás, o termo "duplicidade" para falar de Leite e de Siscar, em textos críticos distintos. A duplicidade de Siscar manifesta-se em "uma dupla força - de fluxo e transbordamento e, simultaneamente, refluxo e contenção" (*ibidem*) e a de Leite está entre lógica e surpresa, vertigem e lucidez.

Tal duplicidade aparece no poema de Sebastião Uchoa Leite, "Um outro", onde o diálogo evidente com Rimbaud retoma a indecisão entre eu e o outro, deslocando-a porém para a região do sono, ou melhor, do *entressono* deste poema entre parênteses. O eu que se vê parado *como se fosse* um outro, como se fosse cometer um crime, à espreita, portanto, do momento de atacar, é índice da força de agressão da poética átona. Esse é o *susto*. No desconforto gerado pela sensação de estranhamento, o eu deseja voltar para o sono, no *subsolo da mente* onde poderá descansar, sem buscar entender logicamente a bizarra situação.

Neste espaço indecível onde se misturam o sono e a vigília, será possível tanto fugir do outro ironicamente ameaçador, matador de aluguel como em um filme policial, quanto *dissolver* e *abandonar* o eu. Por contigüidade, é possível tomar a sequência final do poema *dissolvo-abandono* numa série cujo próximo termo poderia ser "absolvo", mistura sugerida pelos fonemas das duas palavras. Fechado o parêntese final, "nada terá tido lugar" a não ser um estranho sonho.

Um outro

(quando acordo no entressono vejo-me
como se estivesse fora de mim mesmo
é uma espécie de susto:
ali estou eu
parado como se fosse um outro
contratado para cometer um crime
quero voltar para dentro do sono
dentro do subsolo da mente onde me jogo
e me dissolvo
e me abandono)
(Leite, 2000: 64)

>>

Quanto ao poeta Marcos Siscar, em cuja poesia são recorrentes os motivos do "não se diz", do "roubo do silêncio", podemos ver no poema "E se tudo" semelhante lógica onírica em ação. O *se* também está presente. E se tudo fosse apenas sonho? O "crime", aqui, seria transformar sonho em cálculo, poesia em prosa³, imaginando que a vida sonhada na perspectiva egocêntrica de uma subjetividade tradicional pudesse ser algo além de uma narrativa prolixa e *insignificante*. O retorno ao sono, ou mais precisamente, ao *torpor*, como no poema de Leite, também ocorre. Porém, aqui, eu diria que não há absolução, e sim uma condenação, quiçá uma execução. Sondar o futuro num modo de cálculo, parece nos dizer o poema, equivale a neutralizar o acontecimento e, portanto, condena a vida entorpecida a uma letargia fatal.

Lidando com um *homem discreto*, aquele que sabe mais do que diz, que vê mais do que aparenta, um homem que calcula, espreitando o seu dia *depois deste sonho*, o poema inverte o jogo e põe-se à espreita dele. Num movimento sutil, o *talvez* da ironia vem cortar rente o *topos do vida es sueño*. O final do poema impede, assim, que se tome em modo de seriedade a *mise en abyme* nele praticada.

No poema em questão, cujo início parece evocar um *tableau* ao gosto do *mal du siècle* representando um homem discreto (ou melancólico?) numa escura manhã de inverno, vale a observação de Pedrosa, segundo a qual Siscar busca "(...) um espaço entre a estética da fluidez, do excesso sentimental e grandiloquente e a estética da ascese, do corte. Essa vontade de integração faz com que nele se exercite a lição do rio como discurso, ao mesmo tempo sintaxe e cesura, corrente e margem, seguindo uma tradição moderna de *syntaxiers* (para retomar aqui a auto-definição de Mallarmé), mestres da linha mas também do corte" (Pedrosa, 2004):

E SETUDO não passasse do sonho de um homem discreto
que acordando na manhã de inverno ainda escura
e buscando um motivo para levantar-se vira-se na cama
e pensando que pensa agora sonha
como será seu dia depois deste sonho? quem
amará que livros lerá o que beberá na cantina
de costume? irá ainda ter na cantina
de costume? tomará ainda da pluma? talvez
a vertigem da insignificância o entorpeça sobre a mesa
(Siscar, 2003: 101)

Os dois poemas falam *do* sonho, *sobre* o sonho mas também *de dentro* do sonho, como espaço propiciatório de um pensamento diverso, que propõe uma subjetividade alterada, à espreita. Tomando-o na perspectiva de sua alteração, caberia encontrar em cada poema de nosso tempo o ponto e a dinâmica de reformulação deste que, a despeito de tudo, continua a reaparecer na cena da cultura — o sujeito.

O poema a seguir, de Marcos Siscar, não vem como objeto de análise. Ele é meu convidado. Ao hóspede mudo, peço-lhe que devolva um pouco do silêncio roubado, enquanto eu termino de escrever, enquanto este texto se apaga.

O peixe

1.
o peixe
mudo em toda água turvo
em todo verso
no lodo lento o peixe
é um ser
mudo que desliza
água sempre fria que esconde
o dorso escuro do
peixe mudo
(idem, 166) <<

>>

NOTAS

[1] Entre esses questionamentos, além das colocações de M. Foucault sobre o desaparecimento do homem, podemos encontrar a "morte do autor" teorizada por R. Barthes, os "devires" (animal, vegetal, molecular, etc) de G. Deleuze e F. Guattari, a "experiência interior" de G. Bataille, e mesmo a chamada "desconstrução" de J. Derrida, todas descendentes mais ou menos diretas da "morte de Deus", ou seja, da evidenciação dos inevitáveis efeitos colaterais da razão humana, de que F. Nietzsche foi o arauto.

[2] Para a discussão das diferenças entre as noções de "direito" e "justiça" e para a caracterização da tarefa do pensamento contemporâneo como pertencente à esfera de uma justiça "por vir", veja-se especialmente o livro de Jacques Derrida, *Spectres de Marx. L'État de la dette, le travail du deuil et la nouvelle internationale*, Paris, Calilée, 1993.

[3] Em *O roubo do silêncio*, livro composto de poemas em prosa, Siscar coloca a base de uma reflexão sobre poesia e prosa nos seguintes termos: "A vida vai bem em prosa, quando a violência lhe rouba definitivamente a liberdade de corte." e, mais adiante, "O silêncio é o sofrimento da palavra, quando a poesia do silêncio lhe é roubada. A vingança dos desapropriados é o barulho da prosa do mundo" (Siscar, 2006: 19).

BIBLIOGRAFIA √

Ascher, Nelson. (29/11/2003), "Pelas brechas, Uchoa Leite encontrou a terceira via", *Folha Online* – Ilustrada.

Barbosa, João Alexandre (2000), "Raro entre os raros", in Leite, Sebastião Uchoa, *A espreita*, São Paulo, Perspectiva.

Derrida, Jacques (1992), "«Il faut bien manger» ou le calcul du sujet", in --, *Points de suspension. Entretiens*, org. E. Weber, Paris, Galilée.

-- (2002), *Fichus*. Discours de Francfort, Paris, Galilée.

-- (2003), "Le «Monde» des Lumières à venir", *Voyous. Deux essais sur la raison*, Paris, Galilée.

Leite, Sebastião Uchoa (2000), *A espreita*, São Paulo, Perspectiva.

Lima, Luiz Costa (1991), "A poética átona de Sebastião Uchoa Leite", in -- *Pensando nos trópicos*, Rio de Janeiro, Rocco.

Pedrosa, Celia (03/05/2003), "Poesia, lucidez e impasse". *Jornal do Brasil*, Online.

-- (30/10/2004), "Versos que correm entre a margem e o fluxo, a linha e o corte", *Jornal do Brasil* Online.

Siscar, Marcos (2003), *A metade da arte*, São Paulo/ Rio de Janeiro, Cosac Naify/ 7 Letras.

-- (2006), *O roubo do silêncio*, Rio de Janeiro, 7 Letras.